

A ESSÊNCIA MAIS ÍNTIMA DO MUNDO: A CONCEPÇÃO DE MÚSICA EM SCHOPENHAUER

Reinaldo Cezar Souza Lopes¹; Clademir Luis Araldi

Universidade Federal de Pelotas – reinaldo.celopes@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No Livro III da obra MVR I², Schopenhauer sistematiza uma hierarquização das artes, do grau mais baixo até o mais elevado de objetivação da vontade. O filósofo passa pelas impressões da estética e teoria do belo. A respeito da música, essa arte se encontra fora da hierarquização, sendo considerada por Schopenhauer a arte mais sublime, que merece maior destaque pelo efeito que causa. Na música temos a essência mais íntima do mundo, que revela a essência da vontade, a coisa em si. Aqueles que têm uma fonte criativa do qual não conseguem explicar, que reverberam suas criações através de ondas melódicas e harmoniosas, elevam-se para além do topo da pirâmide das artes em Schopenhauer. Apresentaremos a sua concepção de música, a fim de elucidar os pontos mais cruciais de sua teoria.

2. METODOLOGIA

Através de pesquisa bibliográfica da obra de Schopenhauer, buscou-se interpretar em específico o conceito de música presente na obra O Mundo Como Vontade e Como Representação, no Livro III, §52. O escopo da análise se dá pela leitura do pensador alemão situada em sua época, baseado em suas noções de pesquisa e visão de mundo filosóficas. Sua sistematização sobre as artes gerou influências para a contemporaneidade, a pensar na reflexão de outros pensadores do circuito alemão e posteriormente mundo afora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A música para Schopenhauer é uma arte tão profunda que não teve espaço na sua sistematização das artes, pois a música é mais rápida e infalível³ na sua relação com a essência de quem cria e na essência do mundo, ou seja, ela está para além das outras artes - ela é por si mesma uma cópia da vontade, e não de *Ideias*. Schopenhauer aborda sobre a arte dos tons, dentro do campo harmônico da música, começando pelo tom mais grave no baixo fundamental, considerado o grau mais baixo de objetivação da vontade, sendo a massa mais bruta onde tudo se inicia com uma base de solidez.

A melodia é uma essência que consegue por algum tempo afastar o indivíduo de seu caráter comum, da existência permeada pela rotina, pelo tempo e pela impermanência. Ela está para além da razão ou de qualquer reflexão e se bifurca na inspiração, uma narrativa que compreende toda e qualquer forma de

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação de Filosofia da UFPel.

² O Mundo Como Vontade e Como Representação, Tomo I.

³ MVR – p. 296

criar, a partir de uma visão de mundo. Os tons da música são as traduções daquele que cria, daquele que sente. Isso também se transporta para quem ouve, pois esse tem uma compreensão e interpretação diversa de quem criou, e sente diferente. Para Schopenhauer, a transição de notas de uma terça menor para uma maior, por exemplo, reflete uma transição de um sentimento mais penoso para algo que se eleva ali naquele instante. Na sua teoria musical, inicialmente fala sobre o *allegro maestoso* que versa sobre um andamento mais rápido da música, porém de forma bem trabalhada; sobre o *ripieno*, que é uma constituição instrumental, a composição dos instrumentistas; e fala sobre o *adagio*, composições musicais em tempo mais lento. Schopenhauer explana sobre como a música delibera entre quem é o criador e também daquele que ouve o que é criado por um músico:

Essa íntima referência da música à essência verdadeira de todas as coisas explica o fato de, quando soa uma música que combina com alguma cena, ação, acontecimento, ambiente, ela como que nos revela o sentido mais secreto dos mesmos, entrando em cena como o comentário mais claro e correto deles; de maneira similar, quando alguém se entrega por inteiro à impressão de uma sinfonia, é como se visse desfilar diante de si todos os eventos possíveis da vida e do mundo: contudo, se depois medita, não pode fornecer semelhança alguma entre aquela peça musical e as coisas que passavam diante de si. (SCHOPENHAUER, 2015, p. 304)

O §52 é também uma dedicatória do quanto a música tem um poder que gera no criador e na criatura. Para Schopenhauer é como se a filosofia moral, sem a ressalva imediata de explicar sobre a natureza, é apontada como uma melodia sem harmonia - assim como a física e metafísica sem a ética seria percebida como uma harmonia sem melodia. Segundo Schopenhauer, “a música é uma arte tão elevada e majestosa que é capaz de fazer o efeito estético mais poderoso sobre o mais íntimo do ser humano”.

O filósofo de Danzig reflete na inesgotabilidade possível na criação de melodias, o que se pode criar numa sucessão linear de múltiplos tons, e o que pode ser acrescentado com a poética, no ato de colocar palavras em compassos. Com a música atingimos uma ambiência, uma particularidade entre sentidos, fantasias, atmosferas, alegrias e reflexões. É a expressão real do mundo, do que se sente e afasta o artista da realidade que o aprisiona.

4. CONCLUSÕES

A música para Schopenhauer é o ápice de uma investigação, baseado numa linguagem técnica apresentada pelo filósofo, combinado com sentimento, o grau mais elevado de objetivação da vontade. A música não é cópia da Ideia, dos meandros Platônicos, ela está como cópia da vontade mesma, intrínseca ao que o músico sente, seja em tons menores ou maiores. A importância desse estudo para Schopenhauer refletiu e muito toda a sua disposição para explicar sua teoria musical no §52, o último do Livro III.

O que é expresso pelo pensador reflete o seu amor pelas artes, com total afincamento pelo o que a música pode ressoar, com a devida entrega em perceber cada ato, a fim de afastar-se dos sofrimentos e estar mais próximo da coisa em si do mundo, do caráter contemplativo que a música pode exprimir. É a linguagem que diz um poema sem ter mencionado uma palavra, onde os tons criam uma

sensibilidade interpretativa em quem ouve – a essência mais íntima do mundo e o grau mais elevado de objetivação da vontade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção Como ler filosofia)

BARBOZA, Jair. **A metafísica do belo de Arthur Schopenhauer**. São Paulo: Humanitas, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação – Tomo I**. Trad. Jair Barboza. São Paulo, Editora UNESP, 2005

TANNER, Michael. **Schopenhauer: metafísica e arte**. Trad. Jair Barboza. São Paulo, Editora UNESP, 2006